A alma encantadora das cidades invisíveis

Elis Crokidakis Castro

> (...) cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares (Ítalo Calvino - *Cidades invisíveis*).

Não é de hoje que imagens de cidades fascinam os escritores. Muitas criações foram baseadas nos encantos e mistérios da cidade, esta que se personificou através da literatura, do cinema, das artes. Desvendar os mistérios, dessa criação humana que surgiu para desenvolver as relações sociais dos homens e, por conseguinte, para fixá-lo à terra, faz com que alguns escritores transformem a simples visão que se tem de um ambiente urbano em algo extraordinário capaz de transcender seu contexto de criação e tomar vida própria além dos limites da escritura. Ou seja, a cidade torna-se protagonista dos textos, disputando com o homem o papel principal.

As ruas, a arquitetura, o tempo que é enfocado por esses ambientes, as transformações que ocorrem com o desenvolvimento, crescimento e modernização das cidades e principalmente a imagem que as cidades transmitem aos viajantes e às pessoas que nelas vivem são alguns dos pontos que procuraremos mostrar nesse trabalho que tomará as cidades como uma fonte inesgotável de temas e abordagens da existência humana. Partindo dessa ideia veremos que conhecer uma cidade é algo muito mais complexo do que o simples fato de se morar nela e saber superficialmente como ela vive.

II

> A rua nasce, como o homem, do soluço, do espaço. Há suor humano na argamassa do seu calçamento... A rua sente nos nervos essa miséria da criação, e por isso é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas... Ora, a rua é mais do que isso, a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma! (Rio, 1995: 4).

O primeiro passo dado por um homem, quando da criação de uma cidade, é fazer a abertura de uma rua. Essa surgirá, observados os aspectos físicos e espaciais, do puro arbítrio humano que escolherá o lugar, o calçamento e os homens que com seu suor farão aparecer aquele espaço livre para o passeio, para a vida, para a imaginação e para as transgressões. Mas por que nascem as ruas? Talvez,

> (...) da necessidade de alargamento das grandes comeias sociais, de interesses comerciais, dizem. Mas ninguém o sabe. Um belo dia alinha-se um tarrascal, corta-se um trecho de chácara, aterra-se um lameiro, e aí está: nasceu mais uma rua. Nasceu para evoluir, para ensaiar os primeiros passos, para balbuciar, crescer, criar uma individualidade (Rio, 1995: 6).

Assim é na rua que tudo se permite, ela como já disse João do Rio é socialista e igualitária, o rico e o pobre são iguais quando por ela passam, e assim como a morte ela é a única que uniformiza as pessoas.

Para as ruas a vida é intensa, vivem tristezas e felicidades no curto espaço de um minuto e são como as veias do corpo humano, por isso transmitem a vida de uma cidade e carregam sua alma.

Seres criados pelo homem não têm teoricamente direito de ter o que ele tem. Mas e a aura de cada obra de arte, e a aura da cidade, da rua, não seriam uma espécie de alma?

Por tudo que passam, transmitem e veem as cidades e suas ruas possuem uma energia própria que as acompanham, criam essa aura e são donas de grandes ou pequenas sensações que transbordam de seus espaços e são transmitidas às pessoas que nelas chegam e por elas passam.

O efeito das cidades sobre as pessoas é até hoje algo inexplicável. Para o viajante sendo ela ponto de chegada ou de saída sua imagem é sempre uma

lembrança que fica durante todo o caminho, seja ele bom ou ruim. Assim, independentemente de seu tempo, do tempo que o viajante levará para ultrapassar o caminho e chegar à cidade, esta estará esperando por ele, porque também para a cidade, (não qualquer cidade ou rua), o viajante, o descobridor e o *flâneur* são imprescindíveis, pois são eles e não as pessoas comuns que podem eternizá-las, que podem fazê-las transcender de sua dimensão espaço temporal e entrar no mundo dos livros da glória e das lembranças.

Daí a explicação do fato de que mesmo morta uma cidade permanece na lembrança dos que a conheceram.

Muitas vezes a imagem da cidade é tão forte que mesmo destruída, afogada pelas águas de uma barragem ela permanece viva nas pessoas que lá viveram. E tais pessoas quando ao local da cidade retornam, passeando entre ruínas e escombros, se recordam dos dias felizes que tiveram e vivem imaginariamente o renascimento de uma cidade que já é irreal.

Por essa força de atração as cidades fazem com que muitos caminhos sejam desviados. Com suas casas, igrejas, jardins, palácios, torres, cúpulas, pontes e luzes as cidades exercem sobre o homem um fascínio maior do que qualquer outro e a recordação de alguma coisa da cidade faz com que se passe toda a vida a sonhar com aquele espaço imaginário que colorirá a existência.

Todavia não são todos os homens que têm consciência da magnitude das cidades e de suas ruas, pois para essa consciência "é preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãns e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos *flâneur* e praticar o mais interessante dos esportes – a arte de flanar" (Rio, 1995: 5). Ou seja, para conhecer uma cidade, suas ruas, sua vida, é preciso que a pessoa esteja consciente disso, que tenha em mente o desejo de descobrir o que os simples olhos não descobrem, de ter curiosidade de criança, ávida por saber e por sentir e que tenha tempo.

O tempo deve ser compreendido como algo sem delimitações, flanar por aí, a qualquer hora do dia ou da noite, a qualquer estação, diz João do Rio "é perambular com inteligência" (Rio, 1995: 5).

O *flâneur* é o homem à toa que busca nas ruas a razão para a vida, tem na observação dos costumes, das pessoas e das cidades sua principal função e seu maior prazer, por isso o *flâneur* não pára, ele está sempre vagando pela cidade, descobrindo coisas, lugares, pessoas que farão parte de um mundo criado por sua imaginação. Não que o *flâneur* viva num contexto imaginário. Ao contrário disso, seu contexto é real, todavia os fatos que ele observa na realidade

quando são transportados para a literatura têm forma mágica e interessante, e um texto que aparentemente poderia ser só jornalístico, torna-se literário permanecendo através do tempo. As observações do *flâneur* são sempre pertinentes, elas carregam algo de curiosidade de questionamento e de mistério.

A cidade escolhida por João do Rio é o Rio de Janeiro; não o Rio de hoje, descaracterizado pelo progresso, uma cidade nova sobreposta à cidade original, mas o Rio do início do século XX, entre 1900 e 1910, quando a modernidade se oferecia como grande atrativo.

No tempo descrito por João, a cidade do Rio de Janeiro era um grande palco, avenidas modernas eram construídas, e a população modificava seus hábitos antigos em prol dos novos conceitos que surgiam com a modernização do espaço onde elas viviam.

Alguns acontecimentos nesse contexto possuíam grande repercussão em todo o Brasil, como por exemplo a abertura da Avenida Central, hoje Avenida Rio Branco, que cortando o centro da cidade era a verdadeira vitrine, lugar onde a população flanava para ver as últimas novidades vindas do outro lado do mundo.

O Rio de Janeiro era a cópia da Cidade Luz e funcionava como uma janela para aquele mundo desenvolvido e moderno que era representado por Paris. Poucas eram as diferenças entre Paris e o Rio de Janeiro, de maneira que o viajante que aportava na Praça XV, achava muito comum aquele ambiente que, de fato, se parecia com certas cidades europeias, destoando completamente do resto do Brasil onde o abandono e a ruralidade ainda eram predominantes.

A cidade em que João do Rio flanava era a mesma que pelas mãos de Pereira Passos e Osvaldo Cruz abria-se rumo à civilização. Isso porque juntamente com as reformas urbanas implantadas por Pereira Passos vieram as reformas sanitárias de Oswaldo Cruz, fator de essencial importância para o desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro.

Seguindo os passos transformadores, o fluxo populacional na cidade aumentava a cada dia, consequentemente, as variações sociais também cresciam. Vinham para o Rio de Janeiro pessoas de todo o Brasil para servirem de mão de obra nas construções que ocorriam na capital do país.

A cidade vivia um momento de grande efervescência e também um sério problema social. Sutilmente, João do Rio aborda esses problemas em suas crônicas. Isso ocorre quando vagando pela cidade, no livro *A alma encantadora das ruas*, o personagem/narrador que conta a história da cidade vai relatando também a forma de vida da população que habita os mais variados lugares,

descreve a marginalidade de alguns segmentos populacionais e de forma literária traça uma fonte de pesquisa riquíssima, onde se é possível ver com perfeição a vida daquele tempo passado.

A cidade e também seus habitantes são transcritos na crônica de João do Rio de um jeito muito especial que não permite que eles sejam esquecidos facilmente, assim ocorre com alguns dos seus personagens como: a mulher mendiga, os urubus, as mariposas de luxo, etc.

Dessa forma, o autor que é também personagem/narrador vai tentando riscar um paralelo que iguala o destino do homem ao das ruas e cidades. Ou seja, cria uma simbologia especial para a leitura desses dois elementos (rua/cidade) tão cantados e observados por ele em sua obra.

É importante perceber na crônica de João do Rio, que ele sempre estava inteirado aos processos de transformação da cidade, o que o fazia ser um indivíduo atualizado como seu tempo e com uma visão crítica aguçada.

Em vários momentos, João do Rio cita outros autores e as visões deles sobre algumas cidades, um exemplo é Balzac citado na crônica "A rua", lá compara, falando das ruas de Paris, as impressões das ruas com as impressões humanas e teoriza dizendo "artistas modernos já não se limitam a exprimir os aspectos proteiformes da rua, analisar traço por traço o perfil físico e moral de cada rua. Vão mais longe, sonham a rua ideal, como sonharam um mundo melhor" (Rio,1995: 18).

O *flâneur* e o *voyeur*

Na verdade, nesses textos de João do Rio, o personagem principal é a cidade e suas ruas, e apesar do *flâneur* ser um elemento essencial pois é ele quem vai costurar todo o texto e tecer a trama do tecido que se torna a cidade, a força da cidade criada por esse texto transcende ao papel desse personagem andarilho, que acaba sendo apenas um fio condutor para as revelações daquele espaço, já que é o *flâneur* que vê os fatos que ocorrem no dia a dia das ruas, nos becos, nos canais do mangue, nas esquinas escuras sujas e mal cheirosas do porto, nas fábricas, nos lugares de prostituição e também nas vitrines luxuosas que escondem através das novidades da modernidade a verdadeira situação social da maioria dos moradores da cidade do Rio de Janeiro.

Assim, caminhando pela cidade, o *flâneur* como a costureira que puxa a linha da costura, segue a linha das ruas e relata toda a existência no centro do Rio, os acontecimentos históricos que ocorreram em cada uma delas, os nomes

antigos e o porquê dos mesmos e conta curiosamente todo o seu processo de surgimento. Portanto, o narrador personifica essa criação humana que tem, segundo ele, uma individualidade.

Traça, então, o perfil da sociedade carioca no início do século, mostrando as diferentes nacionalidades que ocupam o espaço dessa cidade tornando-a miscigenada e diz que "a rua é a civilização da estrada" (Rio, 1995: 11), se referindo a E. Demolins que afirma que "a causa primeira e decisiva da diversidade das raças é a estrada, o caminho que os homens seguem. Foi a estrada que criou a raça e o tipo social" (Rio, 1995: 11).

Através dessa afirmativa o narrador passa a divagar sobre os comportamentos humanos no âmbito das cidades, nos diferentes bairros e espaços sociais e conclui que tais espaços são determinantes nas concepções das pessoas, nos seus projetos de vida, nos seus gostos. Como se o meio ambiente em que vivessem fosse responsável pela formação da personalidade das pessoas; tese essa que era defendida por muitos estudiosos da época.

A figura e comportamentos do *flâneur* sem sombras de dúvida levam o pensamento a um outro tipo humano também comum nas cidades, principalmente nas modernas, o *voyeur*, esse tipo que vive na penumbra a observar atos alheios, nem sempre permitidos, é também um bom exemplo de transgressão que ocorre nas cidades.

Se analisamos profundamente essas duas figuras, *fâneur* e *voyeur*, percebemos que elas são bastante semelhantes, a diferença é que o *flâneur* tem o costume de observar andando. Na realidade, o *flâneur* é um *voyeur* que anda pelas ruas da cidade anotando mentalmente os momentos e fatos mais interessantes.

Sem dúvida que o momento histórico e o contexto social onde aparecem tais tipos é fundamental para que os entendamos. A fascinação que a rua exercia sobre as pessoas no início do século é algo comparado a uma novidade tecnológica nos dias de hoje.

Todos queriam ir para as ruas e curiosamente desfrutar das inovações trazidas pela modernidade. Entretanto, o *flâneur* João do Rio, tinha uma particular análise das figuras humanas que apareciam com o progresso. Isso é claro no livro *A alma encantadora das ruas*, em que num segundo momento da narrativa, após a personificação das ruas da cidade do Rio de Janeiro, o narrador passa a mostrar as pessoas que cortam o seu caminho e que são por ele representadas de várias maneiras, ironicamente, piedosamente e com muita emoção, chegando às vezes ao dramático.

Ainda na segunda parte do mesmo livro, o *dandy* João do Rio, faz um belo relato das profissões que existiam nas ruas, e nesse espaço reservado às pessoas surge uma crítica à sociedade emergente da época e à burguesia dominante.

De certo, nem tudo era maravilhoso quando do advento da modernidade no Rio de Janeiro, os contrastes socioeconômicos já começavam a se desenvolver e sinalizavam que alguma providência deveria ser tomada.

É interessante observar em algumas crônicas de João do Rio, que ele já se preocupava com a marcante diferença social que existia, pois enquanto a classe média e rica, a elite da capital saía a flanar pela Avenida Central no final da tarde, os trabalhadores do porto e as mulheres das fábricas levavam vida muito dura, sem contar que grande parte dessa população de baixa renda estava sendo expulsa do centro da cidade para dar lugar às avenidas modernas, cafés e lojas de luxo.

Contudo apesar de todos esses problemas sociais e econômicos, o universo citadino continuava sendo preservado e isso se deu de maneira muito especial, pois foi pela literatura que a imagem da cidade continuou resguardada e hoje o processo de resgate da memória do Rio de Janeiro tem sido feito basicamente sobre esses textos que retratam daquela época.

João do Rio e Ítalo Calvino

Assim, podemos dizer que a dimensão espacial que é explorada por João do Rio em suas crônicas é diferente da que é explorada, por exemplo, por Ítalo Calvino no seu livro *Cidades invisíveis*.

Podemos dizer que a diferença básica entre os dois textos, de João e Calvino, é que João fala de uma cidade real, com problemas e pessoas que nela vivem, não taxativamente, existe nesse texto um tempo delimitado, pois não poderíamos dizer que os aspectos abordados naquela narrativa podem ainda hoje ocorrer na cidade do Rio de Janeiro, embora tenhamos consciência de que muitos dos problemas surgidos naquele tempo persistam em piores condições.

É notório que se compararmos a cidade da crônica com qualquer outra, descobriremos que sua existência com aquelas características só era possível quando da escritura dos textos, no início do século, pois o processo de transformação foi intenso e as formas descritas textualmente já não existem mais.

Por outro lado, longe de um alto grau de verossimilhança, temos o texto de Ítalo Calvino, que é pura ficção. Neste, o espaço citadino criado é muito mais mágico que o de João do Rio embora o tema seja o mesmo.

Em *Cidades invisíveis* não temos um *flâneur* vagando pela cidade, mas um desbravador, um conquistador, um mercador que desvenda a cultura dos povos em busca de novas coisas para comerciar. Logo, este narrador é como um contador de histórias que muitas vezes vai além do apenas visto pelos sentidos, tal como Sherazade, que conta, noite após noite, mil e uma histórias ao sultão, em *Cidades invisíveis,* o famoso viajante veneziano Marco Pólo descreve para Kublai Khan, a quem serviu durante muitos anos, as incontáveis cidades do imenso império do conquistador mongol. Não se trata de apenas uma cidade, mas várias, que são costuradas pela narrativa. Todas as cidades são invisíveis, imaginárias e partem das narrações de Marco Pólo para existir. Por serem criadas pela imaginação não possuem um tempo, poderíamos dizer que são atemporais e guardam por isso uma grande identidade com os contos maravilhosos, mágicos e eternos.

Suas imagens não servem para caracterizar uma época, nem tampouco servem para estudo de costumes, nem de sociedade, mas servem para o maior dos prazeres, transportar o leitor para um mundo de fantasia, envolvente e excitante.

Nesta rede de textos curtos, cada página é uma surpresa – e com frequência cada surpresa traz, embutida dentro dela, uma outra surpresa, tal como certas cidades comportam outra dentro de seus muros. Os lugares que Marco Pólo descreve sofrem as refrações da memória, as duplicidades do espelho, as insaciabilidades do desejo. Em uma palavra, são ambíguos, apresentam sempre uma dupla face, que pode se reduplicar ao infinito (Calvino,1991: orelha).

Na disposição geográfica dos capítulos no livro há uma organização das simbologias utilizadas formando um sentido oculto que é desvendado em cada conto, gradativamente, sem chocar o leitor com as fantásticas colocações de pensamentos a respeito dos lugares descobertos por Marco Pólo. E mais, o texto revela como o conceito tradicional de cidade pode ser transplantado para outros campos do conhecimento humano. Segundo Calvino é neste livro que ele concentrou o maior número de coisas, ou seja, num único símbolo, a cidade, o autor diz que concentrou todas as suas reflexões, experiências e conjecturas. Dessa forma o estudo das cidades invisíveis, depois das palavras do autor assume um outro aspecto.

Assim não há que se comparar a simbologia da cidade de Calvino com a cidade de João do Rio, como já dissemos, pois o foco do autor carioca é o relato de fatos ocorridos vistos pelo *flâneur*, não existe nessa narrativa a proposta de se fazer maiores reflexões filosóficas sobre outras faces da existência humana. O que se analisa nas crônicas de João do Rio é a vida cotidiana da

cidade e os problemas que a assombram, todavia esses fatos que são transportados para a literatura são superficiais, pois eram crônicas escritas para um público específico, publicadas em jornais diários e que só mais tarde foram compiladas em livro.

Quanto ao livro de Calvino seria pouco, ou nada, se pautássemos o seu estudo somente na forma geográfica das cidades, pois tal livro vai adiante, ele transcende a geografia das ruas, os prédios e espaços por ele abordados. No olhar curioso e criativo do descobridor o que se ressalta é além do cotidiano vivido, que de fato pouco importa ao longo da narrativa.

Quando Marco Pólo retorna de cada viagem e começa a contar o que viu a Kublai Khan, ele sabe que o que vai fascinar o imperador não é somente a imagem de construções e riquezas, mas sim as imagens que ele cria das vivências que se somaram em cada uma das viagens. Deste fato surgem os questionamentos a serem elucidados pelo narrador: o que é a cidade e como ela é feita?

Em resposta, o narrador diz que "a cidade é feita das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado" (Calvino,1991: 14) e derivado desse conceito, a cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras (Calvino,1991: 15).

Assim a cidade se define e mostra seu poder quando influencia até os pensamentos que dela se tem, ou melhor, "a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes" (Calvino, 1991: 15). Dominando tudo que se refere a ela, a cidade também domina seu tempo, não o tempo cronológico, de relógio, mas outro que não delimita as ações dos personagens e age de forma diversa. Para as cidades invisíveis não há tempo como linha, cada cidade surge das lembranças de Marco Pólo e de como ele se vê ao passar por ela, por suas ruas, castelos, pontes, etc. Suas histórias são fragmentadas, daí não ter preocupação com começo, meio e fim. Cada cidade existe por si só, ao prazer de abrimos aleatoriamente as páginas do livro. Todavia Veneza, cidade do descobridor, mercador, está sempre na sua memória como uma imagem real. Para contar ao imperador suas histórias Marco Pólo parte sempre de algo

concreto para comparar a sua imaginação e o tempo que se apresenta é sempre o da memória. Na "Cidade e a memória 4" (Calvino, 1991: 19), ele conta sobre a cidade de Zora que de tão maravilhosa foi obrigada a ficar imóvel e imutável para que o viajante a memorizasse facilmente, só que por ficar imóvel e imutável Zora definhou, desfez-se, sumiu e foi esquecida pelo mundo.

Ora, trata-se de um contra-senso, como pode algo que é criado para ser lembrado ser esquecido? A explicação é simples e dada ao longo do livro. Nada que exista como matéria viva pode ser imutável, as transformações e adaptações de uma cidade são fatos decorrentes de sua vida, significam que sua energia vital está acesa e que ela não morreu com as pessoas que partiram ou com os prédios que foram destruídos, por isso não se pode querer que uma cidade permaneça sempre a mesma desde a sua origem, pois se as pessoas mudam a cada instante, é obvio que as coisas criadas por elas também mudarão.

Seguindo nas divagações o narrador diz mais tarde que o que procurava Marco Pólo, em todas as suas viagens,

> (...) estava diante de si, e mesmo que se tratasse do passado, era um passado que mudava à medida que ele prosseguia a sua viagem, porque o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado recente ao qual cada dia que passa acrescenta um dia, mas um passado mais remoto. Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos (Calvino, 1991: 28).

Ou seja, fica claro que o conceito de tempo assume conotação específica. De certa maneira vivemos todos os tempos em um só. Passado, presente e futuro se mesclam num único momento e percebemos que tudo não passa de um círculo onde nosso futuro de hoje foi nosso passado de ontem e nosso passado remoto será nosso futuro amanhã, é como se a vida fosse uma eterna repetição, só que quando vivemos não lembramos o que fomos, nem sabemos o que seremos, apenas vivemos. Por isso Marco Pólo diz que o viajante reencontra um passado que não lembrava existir.

Marcante também na narrativa de Calvino é a questão do desejo. Em "As cidades e o desejo 1" notamos que no emaranhado de coisas que compõem a cidade de Doroteia, existe sempre uma especial que é o desejo infinito, pois

no mesmo instante que se realiza um desejo surge um outro para ocupar seu lugar. Para o cameleiro que conduziu o narrador essa é a coisa mais importante de Doroteia, a certeza de que se realizar aquilo que se tem vontade implica em que surja uma nova vontade e assim sucessivamente.

Todavia em "As cidades e o desejo 2", o narrador expõe aos olhos do leitor a cidade de Anastácia, onde tudo se goza, só que por ser o lugar da realização dos desejos, Anastácia é enganosa e em vez de satisfazer os desejos do viajante, são esses que acabam satisfazendo os desejos da cidade. A imagem fantástica dessa cidade exerce sobre o homem um poder incrível, quando, não podendo se desligar de seus desejos ele se torna escravo deles.

Na realidade Calvino faz um trabalho de pensador em cada conto que escreve e lentamente vai acrescentando na narrativa elementos e interrogações que não são respondidas, mas que ficam na mente do leitor para que ele pense e responda com as suas próprias cidades.

Poderíamos nos estender ainda mais analisando ponto a ponto cada um dos símbolos utilizados pelo autor, todavia a análise dessa simbologia que une questionamentos da existência humana transbordaria de nosso objetivo inicial.

Conclusão

Por isso, esperamos com essas análises ter deixado claro que a imagem da cidade pode ser modificada de acordo com quem a olha. Ou seja, nem sempre uma cidade será igual para todas as pessoas que a veem, pois justamente com a imagem concreta e real de prédios, ruas, pontes, igrejas, etc., existe a imagem da cidade que intimamente queremos ver, a qual se somam nossas vivências e expectativas.

A cidade, como observamos ao logo desse trabalho, torna-se um símbolo ao qual podemos dar milhões de significados e mesmo quando apenas relatamos a sua vida diária, a cidade deixa transparecer que existe algo a mais do que aquilo que ela mostra. Por isso, além das várias cidades que se sobrepõem a uma cidade original, temos também as cidades ocultas guardadas no interior de cada cidade e de cada pessoa.

Assim chegamos ao que pretendíamos demonstrar: conhecer uma cidade é um processo muito mais complexo e interno do que o simples ato de passar por sua ruas e olhar os prédios e lugares que ela exibe, é preciso, acima de tudo, que saibamos traduzir suas imagens e que sintamos no fundo da alma as impressões que elas nos passam.

Referências

BAUDELAIRE. Charles. *Sobre a modernidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
BECHIMOL, J L. *Pereira Passos: um Haussmann tropical*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca,1992.
BENJAMIM, Walter. Paris capital do século XIX. In: *Walter Benjamim - Obras escolhidas III*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
CALVINO, Ítalo. *Cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
HUYSSEN, Andrea. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
JAGUARIBE, Beatriz. *Fins de século-cidade e cultura no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades*. São Paulo: Editora Unesp,1998.
LEVI-STRAUSS, C. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
RIO, João. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2007.

Resumo

A cidade do Rio de Janeiro, descrita nas imagens de João do Rio e as cidades imaginárias de Ítalo Calvino no seu livro *Cidades invisíveis* são os objetos desse ensaio. Em uma análise comparativa mostraremos como realidade e imaginação se confundem nas narrativas e como através de seus textos os autores demonstram, cada um a seu modo, o grande amor que sentem pelas suas cidades.

Palavras-chave

Cidade – Rio de Janeiro – Narrativas sobre as cidades.

Abstract

The city of Rio de Janeiro, described in João do Rio of images and imaginary cities by Italo Calvino in his book *Invisible Cities* are the objects of this essay. In a comparative analysis show how reality and imagination merge in the narrative and how through their texts the authors demonstrate, each in its own way, the love they feel for their cities.

Keywords

City - Rio de Janeiro - Cities narratives.